

Iago de Melo Vasconcelos

**O argumento moral da “extrema emergência”: a
Destruição de Dresden na Segunda Guerra Mundial**

Redenção

2015



Iago de Melo Vasconcelos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador:

Prof. Dr. Luís Carlos Silva de Souza

Redenção

2015



Iago de Melo Vasconcelos

**O argumento moral da “extrema emergência”: a
destruição de Dresden na Segunda Guerra Mundial**

Redenção

2015



Iago de Melo Vasconcelos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 30 de Maio de 2015.

Banca examinadora:

*Prof. Dr. Luís Carlos Silva de Souza do
Instituto de Humanidades e Letras
UNILAB*

*Prof. Dr. Francisco Vítor Macedo Pereira
Instituto de Humanidades e Letras
UNILAB*

*Prof. Dr. Antonio Vieira da Silva Filho
Instituto de Humanidades e Letras
UNILAB*

Redenção

2015



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

**Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

V45 Vasconcelos, Iago de Melo.

O argumento moral da “extrema emergência”: a destruição de Dresden na Segunda Guerra Mundial. / Iago de Melo Vasconcelos. – Redenção, 2015.

36 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Silva de Souza.
Inclui Referências.

1. Dresde, Alemanha-História. 2. Guerra mundial, 1939-1945 - Destruição e pilhagem – Alemanha-Dresde. I. Título.

CDD 940.544942

Iago de Melo Vasconcelos

Dedicatória

Dedico o presente trabalho a todos aqueles que se propuseram a iniciarem uma leitura do mesmo, em busca de análise e conhecimento sobre o tema exposto. Afinal de contas, acredito que em toda produção artística ou intelectual há conhecimento para ser compartilhado. Também dedico, esta produção a todos de minha família, em especial aos meus queridos avós: Auristela Vasconcelos de Abreu e Antônio Abreu Pereira, e à minha namorada Maria Imaculada Lourenço Meirú, pessoas que foram fundamentais na minha formação, haja vista que os mesmo sempre me incentivaram a crescer de forma intelectual, também a todos que sempre estiveram com lindas palavras sábias, palavras que me ajudaram a seguir. Dedico a todos que fazem parte da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), em especial ao Professor Dr. Luís Carlos Silva de Sousa, que me mostrou os caminhos e o suporte necessário para realizar este objetivo. Dedico a todos os professores e, sobretudo, aos meus colegas que, assim com eu, são alunos que buscam felicidades em seu Presente e futuro. Dedico, acima de tudo, a Deus, por cada momento surpreendente que ocorreu na minha jornada até o momento. Acredito que cada um de nós busca uma válvula de escape como resolução de nossos problemas, e cada indivíduo acredita em algo que lhe faz sentir bem, no meu caso é Deus! Um imenso abraço a todos.

Redenção

2015



Iago de Melo Vasconcelos

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, pois ele sempre foi fundamental nas minhas conquistas e tomadas de decisões de minha vida. Em especial, à minha família e à minha namorada: aos meus vós, Auristela Vasconcelos de Abreu, Antônio Abreu Pereira, Maria Imaculada Lourenço Meirú, e ao meu amigo Mikeias Miranda, pelo suporte e todos os bons conselhos e auxílios que foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Um agradecimento especial ao Professor Doutor Luís Carlos Silva de Sousa, por todos os conselhos acadêmicos e o suporte necessário para a realização da pesquisa e do trabalho como um todo. Agradeço também por seu voto de confiança e por ter me dado o privilégio de ter sido bolsista de iniciação científica, pois, sem esse auxílio, a jornada teria sido bem mais difícil. Um agradecimento carinhoso a todo corpo docente que compõe a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), por todos os compartilhamentos de conhecimento e pelo o cuidado na formação dos estudantes. Agradeço aos componentes da Unilab, que desempenham suas funções para o bom caminhar das atividades acadêmicas. Não poderia também deixar de agradecer a todos os professores que já compartilharam saberes comigo, sei do trabalho árduo de cada um e os admiro. Faço agradecimento aos bons amigos de maneira geral pelas palavras de estímulo e otimismo. Agradeço, em especial, a você leitor que se propõe a refletir sobre este trabalho.

Redenção

2015



Iago de Melo Vasconcelos

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o argumento moral da “extrema emergência” sobre a destruição da cidade de Dresden, em 13 de fevereiro de 1945. Neste contexto, iremos destacar as questões morais que dizem respeito aos direitos humanos -direito à liberdade e direito à vida-, a partir da obra de Michael Walzer. Argumenta-se que as questões técnico-científicas envolvidas no bombardeio das cidades alemãs não legitimam por si a decisão de destruir Dresden. A destruição de Dresden, segundo a visão de M. Walzer, não se justificaria moralmente, com base no princípio moral do “duplo efeito”.

Palavras chave: Moral, “Extrema Emergência”, Dresden.

Redenção

2015



Iago de Melo Vasconcelos

Abstract

The present study aims to analyze the moral argument “extreme emergency” concerning the destruction of the city of Dresden, in February 13, 1945. In this context, we highlight the moral issues that relate to human rights-right to liberty and right to life-from the work of Michael Walzer (2003). It is argued that scientific and technical issues involved in the bombing of German cities don’t legitimize the decision to destroy Dresden. The destruction of Dresden, according to the view of M. Walzer, not be morally justified be, based on the moral principle of “dual effect”.

Keywords: Moral, “Extreme Emergency”, Dresden.

Redenção

2015

Sumário

Introdução.....11

CAPÍTULO I: JUSTIÇA NA GUERRA E O ARGUMENTO DA “EXTREMA EMERGÊNCIA”

1.1 Alemanha Nazista x Império Britânico.....12

1.2 A ciência em desenvolvimento no confronto: as táticas de despistes.....	14
1.3 Contexto de Dresden: a nova política.....	18
CAPÍTULO II: O DESRESPEITO ÀS NORMAS DE GUERRA.....	22
2.1 A noção de guerra justa.....	23
2.2 O princípio do “Duplo efeito”.....	24
2.3 O argumento moral da “extrema emergência”.....	27
Conclusão	30
Referências bibliográficas	31
Anexo.....	33

Redenção

2015

Iago de Melo Vasconcelos

“Eu diria à Câmara o que disse aos que se uniram a este governo: Nada tenho a oferecer exceto fadiga, sangue, suor e lágrimas... Vós me perguntais: qual é a nossa política? Direi: fazer guerra no mar, na terra e no ar, com todo o nosso poder e com toda a força que Deus nos pode dar; fazer guerra contra uma tirania monstruosa, jamais superada no lamentável catálogo dos crimes humanos. Esta é a nossa política. Vós me perguntais: qual é a nossa meta? Posso responder-vos com uma só palavra. É a vitória; vitória a qualquer preço; vitória a despeito do terror; vitória, por mais longa e dura que possa ser a estrada – pois sem vitória não há sobrevivência”.

Winston Churchill

Este trabalho se propõe a analisar a questão moral da “extrema emergência” no caso da destruição de Dresden na II Guerra Mundial. A análise moral tem como base a noção de “duplo efeito”, exposta na obra *Guerras Justas e Injustas* de Michael Walzer (2003). Acrescentam-se também, nesta discussão, as questões técnico-científicas envolvidas nas operações de bombardeio contra a cidade de Dresden em 1945. Argumenta-se que, neste período, os ataques elaborados por líderes do império britânico, comandados por Winston Churchill não se justificariam moralmente. Churchill compreendia que havia uma “extrema emergência”, ou seja, uma extrema necessidade de bombardear as cidades alemãs neste período, como forma de vingar as operações realizadas pela Luftwaffe contra a cidade de Londres e tudo que o nazismo teria ocasionado as demais nações. Assim, foram desencadeadas novas atitudes políticas e meios tecnológicos desenvolvidos e utilizados por estrategistas e cientistas no período da Segunda Guerra Mundial. Este estudo está dividido em dois capítulos, com as suas subdivisões, direcionando o leitor ao propósito da obra. No primeiro capítulo, iremos trabalhar o panorama mundial da época, as questões técnico-científicas e, o contexto da cidade de Dresden em 1945. Já no segundo capítulo, vamos argumentar sobre o desrespeito as normas de guerra, a noção de guerra justa, o princípio do “duplo efeito” e, o argumento moral da “extrema emergência”.

[12]

CAPÍTULO I

JUSTIÇA NA GUERRA E O ARGUMENTO DA “EXTREMA EMERGÊNCIA”

1.1 Alemanha Nazista x Império Britânico.

A Alemanha, após o fim da Primeira Guerra Mundial (1918), começou a destacar-se dos demais países, que estavam envolvidos no primeiro confronto militar da época, no que diz respeito à produção de equipamentos para guerra. Alguns especialistas, tais como Winston Churchill, chamaram atenção dos membros do Gabinete de Guerra britânico para essa estranha atitude. O governo alemão estaria investindo muito alto em uma campanha de rearmamento. Assim como informa David Mason (1973), Churchill deixou bem claro em 1936, no Parlamento, que a Alemanha estaria gastando cerca de dois bilhões de libras com equipamentos para serem utilizados no esforço militar.

Quando falamos sobre os acontecimentos que marcaram a Segunda Guerra Mundial, é algo quase que simultâneo nos perguntar: Quais foram os motivos para as forças militares iniciarem um segundo conflito mundial? Já que iria ocasionar grandes perdas em ambas as partes? Tentando compreender esta indagação, podemos afirmar que o segundo confronto mundial iniciou-se a partir do momento em que a Alemanha quebrou o acordo de Munique, firmado em 29 de setembro de 1938, quando momentos depois, as forças alemãs invadiram a Tcheco Eslováquia, e direcionaram-se também contra a Polônia. No acordo declarava-se que a Alemanha não poderia invadir o território polonês, mas, com o não cumprimento desse tratado, houve grandes mudanças no panorama mundial da época. Chamberlain, que até então ainda era primeiro-ministro da Grã-Bretanha, não confiava mais no governo de Hitler, pois este estaria se tornando uma grande ameaça à paz das demais nações. No entanto, tendo tentado por diversas vezes manter a paz entre as duas nações, Chamberlain declarou revidar contra o governo alemão caso a nação polonesa fosse ameaçada. A França faria o mesmo, já que ela era aliada da Inglaterra (MASON, 1973, p. 27-29).

No dia primeiro de setembro de 1939, iniciou-se um novo panorama mundial, surgindo o segundo grande conflito do século XX, com a invasão da Polônia pela Alemanha. Os poloneses acreditavam que seriam protegidos pelos impérios francês e inglês. Assim, o governo polonês lutou firmemente contra os invasores alemães. Depois de ter garantida a neutralidade soviética, o autocrata alemão colocou em prática o “Plano Branco”, sendo iniciado na madrugada de primeiro de setembro de 1939 com a invasão da Polônia. O ataque foi monstruoso. A força aérea alemã (*Luftwaffe*), comandada por Göring, realizou grandes bombardeios aéreos, enfraquecendo as barreiras de resistência polonesas. A Polônia, mal estruturada para a guerra, foi vencida em menos de um mês pelas forças alemãs.

O período entre setembro de 1939 até abril de 1940 ficou conhecido como a “guerra sentada” (*Sitzkrieg*). O que quer dizer que as forças envolvidas nos conflitos ficaram em uma verdadeira postura de espera, aguardando a desenvoltura dos fatos. De fato, foi um período apenas de negociações entre as nações envolvidas. Em abril de 1940, o império alemão invade a Dinamarca e a Noruega. Já em maio de 1940, Holanda, Luxemburgo e Bélgica desabaram sob o comando nacional-socialista alemão (nazismo). Os impérios francês e inglês foram encurralados em Dunquerque. A França, então, foi dividida em duas partes: (a) zona ocupada por alemães; (b) governo colaboracionista.

A Grã-Bretanha seria golpeada pela operação “Leão Marinho”, que os alemães haviam preparado com o propósito de desembarque no território inglês, mas antes seriam realizados vários ataques aéreos. Apesar das grandes perdas humanas e materiais, a Grã-Bretanha venceu a batalha. A lendária invencibilidade do império alemão começava a ser estilhaçada.

No mês de abril de 1941, a Grécia e a Iugoslávia ficaram sob o comando da Alemanha. Na madrugada de 22 de junho de 1941, a Alemanha colocou em prática a chamada “Operação Barbarossa”, cujo propósito seria atacar com força total a União Soviética, quebrando o pacto de amizade firmado em agosto de 1939.

Em 6 de junho de 1944, logo após o “Dia D”, as forças aliadas desembarcaram na Normandia, e em 25 de agosto a França foi liberta do poder nazista. Em janeiro de 1945 o exército soviético ocupa a Polônia. Na noite de 13 de fevereiro de 1945, as forças aliadas bombardeiam a cidade de Dresden, com ataques arrasadores. Por fim, em 30 de abril, Hitler suicida-se.

Na sequência, iremos analisar os meios tecnológicos utilizados durante as operações de bombardeios, no que se refere à destruição de Dresden. É importante destacar o trabalho dos cientistas, especialistas e químicos que se propuseram a desenvolver meios para anular os sistemas antiaéreos inimigos. Graças a estes cientistas, algumas técnicas defensivas foram utilizadas para a salvação de muitas vidas civis.

[14]

1.2 A ciência em desenvolvimento no confronto: as táticas de despistes.

É necessário refletir sobre os meios tecnológicos utilizados na Segunda Guerra Mundial. De acordo com Brian Ford (1974), na obra *Armas secretas aliadas: a guerra da ciência*, na época tudo girava em torno da ideia de que o inimigo deveria ser atingido pelo próprio veneno, ou seja, pelas próprias armas. Os equipamentos utilizados pelas forças

aliadas eram os mesmos que teriam sido usados no lado alemão, assim como podemos verificar no trecho abaixo:

Muitos dos desenvolvimentos de tempo de guerra usados pelos Aliados para confundir seus adversários foram provocados pelos desenvolvimentos anteriores dos alemães. As armas secretas aperfeiçoadas pelos cientistas de Hitler eram neutralizadas pelas produzidas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

Novas armas e meios secretos de espionagem são sempre a base em que repousa o esforço de guerra. Igualmente é a tarefa de confundir os peritos inimigos e de alimentar neles, com informações falsas, a crença na infalibilidade do sistema que adotam, usando seus segredos contra eles próprios (FORD, 1974, p. 9).

Dessa forma, quaisquer que fossem os estratagemas utilizados nos conflitos deveriam ser revistos. Eles poderiam ser usados contra as próprias forças que se dispunham a colocá-las em prática. Mas é importante ressaltar que, na maioria das vezes, os estrategistas criavam sistemas de espionagem e meios tecnológicos para interferir no sistema de defesa inimigo, com a intenção de salvar vidas e suas bases de possíveis ataques.

Na época, o comando alemão trabalhava com os sistemas de transmissores de orientação, que funcionavam em códigos, em pequenas ondas curtas. Com esse sistema, os pilotos alemães, através de seus navegadores, podiam com precisão definir a sua posição e direcionar-se ao seu destino de ataque, reduzindo sua margem de erros contra seus alvos. Os aliados, sabendo desta prática, queriam destruir os transmissores do adversário, mas como o objetivo seria atingir o inimigo com as próprias armas, os especialistas aliados tiveram planos melhores com relação ao uso dos transmissores alemães. Os estrategistas aliados criaram uma rede de escuta na Grã-Bretanha: quando os transmissores do adversário funcionavam, eles codificavam os sinais e os reenviavam ao seu ponto de origem, conseguindo desviar os ataques alemães de seus alvos, salvando milhares vidas. Muitos de seus ataques caíram em áreas desocupadas e no mar.

[15]

As barreiras antiaéreas alemãs, por exemplo, tinham um sistema de segurança chamado radar (o radar *Würzburg*). Este tipo de equipamento seria o mais sofisticado da época, superando todos os outros radares já desenvolvidos pelos cientistas alemães até então.

Sua funcionalidade seria a de detectar qualquer movimento de forças inimigas que pudessem ocasionar um ataque contra sua defesa.

O equipamento interceptor alemão – o Würzburg – era um radar que protegia com eficiência a maior parte do espaço aéreo próximo do continente europeu. Por este meio, a *Luftwaffe* era avisada com bastante antecedência das incursões vindas da Inglaterra (FORD, 1974, p. 21).

As forças aliadas, mais uma vez, resolveram que a solução para o problema seria a mesma de todo o sempre: utilizar as armas alemãs contra eles próprios. Como Ford apresenta: “Uma vez mais, verificaram que a resposta estava em fazer voltar o equipamento dos alemães contra eles. O resultado foi a implantação do esquema de codinome ‘Window’ (janela)” (FORD, 1974, p.21).

Essa técnica foi desenvolvida pelo professor Frederick Lindemann, em 1937, antes mesmo de iniciar-se a Segunda Guerra Mundial entre forças aliadas e alemãs. A ideia surgiu de uma de suas reuniões com o Primeiro-Ministro (Winston Churchill), já que Lindemann era um grande amigo de Churchill. Esta seria, segundo ele, a única forma para conseguir ultrapassar as linhas defensivas alemãs. Mas o novo estratagema não foi aceito de imediato, até porque ele poderia ser copiado pelos alemães e reutilizado contra as próprias formações aliadas.

A idéia (*sic*) fora aventada pelo Professor Lindemann em 1937, antes do começo da guerra, numa conversa com Churchill. Conhecendo as propensões dos feixes de radar, Lindemann sugeria que tiras de folhas de metal, cortadas cuidadosamente para se igualarem com o comprimento de onda de uma instalação de radar, dariam reflexos fortes. Os “ecos” seriam muito mais fortes do que o esperado, quando provocados por uma tira de papel estanhado cuidadosamente cortada, por certo de grandeza comparável aos provocados pela aproximação de um avião. Teoricamente, a idéia (*sic*) era muito simples. Os aviões despejaria grandes quantidades dessas tiras que, caindo em nuvens, assinalariam falsamente a presença de uma formação de aviões nas proximidades das instalações de radar. O resultado seria evidente. Grandes esquadrilhas de caças inimigos seriam enviadas imediatamente, encontrando apenas o céu pontilhado de tiras cintilantes de “papel prateado”, não havendo um único avião aliado à vista. - Todavia, a sugestão foi oficialmente recebida com muito ceticismo. Só no começo de 1942 é que o esquema foi levado ao campo de ensaio. O sucesso foi absoluto. A notícia chegou ao conhecimento do Estado-Maior do Comando de Bombardeiros, e muitos pilotos pediram que a idéia (*sic*) – chamada “Window” – fosse usada como engodo para proteger as formações de bombardeiros aliados (FORD, 1974, p. 21-22).

[16]

Sobre o uso do “Window”, com base nas descrições de Frederick Taylor (2011), observa-se que o grupo da RAF¹ fez amplo uso desta técnica, que por sinal era muito

¹ Real Força Aérea.

simples, mas que fez toda a diferença durante o combate contra a força alemã. Seu nome era “Ataque de Janela”. Os aviões da RAF soltavam sobre as áreas que deveriam ser bombardeadas várias folhas de alumínio, com o intuito de confundir o sistema de defesa do lado adversário, assim como vimos no parágrafo anterior. No radar, essas folhas apareciam como se fossem uma grande frota de aviões marchando para o ataque, mas na verdade os aviões que iriam bombardear se encontravam em outro espaço.

A Janela causou um caos total nas defesas alemãs. O sistema alemão de defesa com caças noturnos tinha grupos de aviões, cada um incumbido de patrulhar uma área, ou “caixa”, das quais as localizadas mais a oeste — de onde era esperado o contato inicial com a RAF — eram as mais cruciais. As estações de Wurtzburgo que guiavam os caças noturnos subitamente “viam” literalmente milhares de “aviões inimigos” e, no começo, mandavam os caças em busca por todas as partes do céu. Um oficial controlador da Luftwaffe descreveu o caos: “Era como tentar achar uma bolinha de gude num barril de ervilhas.” O radar a bordo dos caças alemães também ficava suscetível, o que novamente provocava mais confusão. “Com um golpe, o sistema inteiro ficou cego!”, declarou o general Walter Kammhuber, comandante das defesas aéreas alemãs no oeste (TAYLOR, 2011, p. 166).

Com essa confusão causada no sistema de radar alemão, as forças de bombardeios pretendiam explorar ao máximo a situação, e fazer a chamada destruição acontecer no território inimigo.

Gostaríamos de destacar outras formas de tecnologia usadas nos conflitos. Outro meio tecnológico utilizado na época pelos grupos de bombardeiros foram as chamadas bombas incendiárias (minas aéreas incendiárias). Os seus resultados eram arrasadores. Queimavam tudo que encontrassem pela frente, sem que houvesse distinção de alvo. Estas bombas foram bastante utilizadas em todas as operações de bombardeios contra as forças alemãs, durante o período de combate, já que a ideia aliada seria a de castigar e destruir as cidades alemãs².

[17]

[17]

As grandes minas aéreas não serviam apenas para destruir prédios ou abrir imensas crateras nas ruas, desse modo provocando problemas de acesso para bombeiros e demais serviços de emergência, embora fizessem as duas coisas. A função desses monstros explosivos era também criar enormes ondas de ar de alta pressão, como haviam feito nos densamente ocupados prédios residenciais de Hamburgo em junho de 1943. Essas ondas arrombavam centenas de janelas e portas, rapidamente aumentando as correntes de ar necessárias para que os pequenos fogos das dezenas de milhares de bastões incendiários se

²Para uma compreensão mais abrangente, veja: WALZER, Michael. Guerras Justas e Injustas. Martins Fontes, Tradução de Waldéa Barcellos, 2003, p. 432.

espalhassem e se unissem no menor tempo possível (TAYLOR, 2011, p. 307).

Segundo Frederick Taylor (2011), algum tempo antes do segundo combate mundial ocorrer, os cientistas da guerra já haviam desenvolvido projéteis contendo óleo ou petróleo prontos para ocasionarem uma grande proporção de incêndios contra os inimigos. Mas tinham um pequeno problema no ataque: esses projéteis só poderiam ser lançados do chão, e eles queriam tornar o ataque mais eficaz contra seus alvos. Pensando nisto, logo esses projéteis foram adaptados em aviões para serem utilizados como ferramentas militares, podendo atingir seus inimigos pelo ar e, tornando seus ataques mais eficazes. Mas essa adaptação não foi uma das melhores invenções.

Séculos antes da Segunda Guerra Mundial, já haviam sido inventados projéteis cheios de petróleo ou óleo para iniciarem incêndios. Tão logo os aviões começaram a ser empregados com fins militares, não constituiu nenhum grande salto criativo a adaptação deste tipo de arma simples, mas cruelmente eficaz, para lançar de grandes alturas sobre habitações humanas, posições defensivas ou locais de trabalho. Uma bomba cheia de alto explosivos estouraria e causaria morte e danos com a detonação e com a violenta distribuição de metal estilhaçado pelas proximidades, mas de modo geral isso seria tudo (TAYLOR, 2011, p. 145-146).

Seguindo adiante, não podemos deixar de mencionar as técnicas de despistes que foram desenvolvidas pelas forças de bombardeios ao longo das batalhas. Um ataque desse tipo poderia garantir a vitória contra as forças inimigas e a certeza de uma boa proteção para a equipe.

Todo esquema era necessário para manter as defesas alemãs ocupadas tentando adivinhar até o último instante. Foi por isso que os bombardeiros precisaram de tanto combustível. Eles muito raramente faziam voos diretos. Eles sempre estariam envolvidos em esquemas de despiste, que resultavam na extensão de uma viagem de 1.900 quilômetros para 2.700 (TAYLOR, 2011, p. 267).

Observamos que alemães e aliados usaram diversas formas de estratégias, valendo-se de meios técnico-científicos nos conflitos. Isso, com certeza, nos faz indagar sobre os tipos de estratégias utilizados nos conflitos da II Guerra Mundial. Na visão da *doutrina da guerra justa* essas estratégias seriam justificáveis, pois o intuito seria de apenas anular os planos do inimigo. De acordo com a visão de Tomás de Aquino (*Suma de Teologia*, IIa-IIae, q. 40 a. 3), os estratégias destinam-se apenas a iludir o adversário,

mas há duas maneiras básicas para isso: (a) dizer alguma coisa falsa ou não manter a promessa, isso torna-se sempre ilícito; (b) ocultando os nossos interesses ou nossos objetivos ao adversário sem que ele perceba. A primeira seria uma ação não-legítima. A segunda seria aceita, já que existem leis da guerra justa que permitem o uso desta ação.

A seguir, iremos trabalhar um pouco sobre o contexto histórico da cidade de Dresden. Ela tinha uma grande importância no *front* alemão no período de guerra, assim como outras cidades alemãs.

1.2 Contexto de Dresden: a nova política.

Entre tantas outras cidades alemãs que tinham sua importância na produção de equipamentos de guerra, destacava-se Dresden. A cidade não era uma das maiores da Alemanha, ficando na sétima colocação entre as cidades alemãs do *Reich*, mas se destacava por sua alta produtividade de equipamentos militares. De acordo com Taylor (2011), em 1944 a grande maioria das indústrias que antes produziam bens de consumo ou itens de luxo já havia sido transformada, quase que por completo, em grande produção de equipamentos de guerra.

As bases industriais alemãs, portanto, direcionavam-se em grande parte à produção de guerra. É importante ressaltar, que cada cidade, e cada uma das fábricas alemãs, possuía suas especificidades nessa produção. Devido a esse comportamento, Dresden, como tantas outras cidades alemãs, tornou-se um alvo certo das forças aliadas na Segunda Guerra Mundial, já que a nova política das forças aliadas seria abolir o *Reich* alemão.

Entretanto, quando se tornou claro que a guerra iria ser longa, Dresden rapidamente seguiu o resto da Alemanha rumo à economia de guerra integrada, um processo acelerado após o início da campanha contra a Rússia. Em 1944, a maioria das fábricas que antes produziam bens de consumo ou itens de luxo já tinha sido convertida quase que totalmente para a produção de guerra (TAYLOR, 2011, p. 186).

[19]

Sobre a nova política militar adotada pelo governo alemão, Taylor resalta ainda:

A Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial tornou-se o maior e mais avançado produtor de maquinário da Europa, com uma produção muito maior do que a da Grã-Bretanha. Isso significava que trocar máquinas que faziam inofensivos bens de consumo por outras de equipamento bélico — e, desse modo, alterando a natureza de fábricas e firmas inteiras — era relativamente fácil. Máquinas de cigarros

podiam (e seriam) adaptadas para produzir balas. Linhas de montagem de rádios podiam ser moldadas para fabricar equipamentos de comunicação e detonadores elétricos para a Wehrmacht. E em nenhum outro lugar a habilidade de um fabricante de lentes era mais útil do que para assegurar a precisão letal da mira de um avião. Essas indústrias de Dresden, com suas máquinas e seus trabalhadores, podiam com relativa facilidade ser modificadas e equipadas para produzir, em muitos casos, os mais avançados aparatos da guerra moderna, à moda dos anos 1940. No mar, na terra e no ar (TAYLOR, 2011, p. 83-84).

Assim, como podemos observar, as fábricas alemãs tinham todo um esquema altamente organizado. A produção dos reais produtos era feita durante um determinado período, mas a qualquer momento essa produção poderia ser modificada para o desenvolvimento de objetos militares, principalmente em tempos de guerra.

Já em 1944, a grande maioria das indústrias alemãs teria sido convertida à produção militar. Todas elas continham um código de produção, para não chamar a atenção de forças inimigas. Acompanhemos agora o relato de um funcionário da indústria Seidel & Naumann, uma das mais conhecidas em Dresden, que era especialista em máquinas de escrever e de costura em dias de produção para bens de consumo:

A partir de 1923, eu trabalhei na companhia Seidel & Naumann-AG, que antes da guerra fazia máquinas de escrever, de costura e bicicletas... a produção de bicicletas foi interrompida em 1937. As máquinas de costura e de escrever agora são feitas somente em pequenas quantidades. A produção foi trocada principalmente para armamentos. Componentes são produzidos sob nomes disfarçados. Só uns poucos funcionários sabem como é o produto final ou para que será usado (TAYLOR, 2011, p. 186).

[200]

Segundo Taylor (2011), a produção de equipamentos para a guerra alemã, sobretudo a de Dresden, triplicou entre os anos 1940-1944, graças aos meios de transporte utilizados neste período:

No último ano da guerra, com as indústrias de Dresden produzindo na capacidade total, as linhas de trem tornaram-se um fator chave para a importância da cidade. Durante os anos anteriores, trilhos e plataformas especiais tinham sido instalados para o despacho de suprimentos que iam e vinham das principais fábricas de armamentos e também daquelas relacionadas à guerra. A produção industrial de guerra da Alemanha — e de Dresden — triplicou entre 1940 e 1944. A Câmara da Indústria e Comércio de Dresden declarou no final de 1941 que “o ritmo de trabalho de Dresden é determinado pelas necessidades do nosso exército” (TAYLOR, 2011, p. 199).

Grande parte da população de Dresden não acreditava que, em algum dia, a cidade fosse tornar-se alvo de bombas explosivas e incendiárias. A cidade tinha uma imagem de ser tranquila e possuidora de uma bela arquitetura. Enquanto isso, outras cidades alemãs sofriam com as investidas das forças aliadas (sobretudo Estados Unidos, Grã-Bretanha e França). O objetivo era fazer com que o nazismo perdesse sua força, somado à ideia de que a Alemanha deveria pagar por cada ato de destruição que vinha causando às demais nações.

De acordo com Taylor (2011), mesmo que os dresdenses ainda mantivessem a enganadora imagem de paz, por trás dessa imagem trabalhavam firme e forte na produção de guerra para obter a vitória que Hitler havia prometido nos anos 1940-1941, despertando assim o olhar do inimigo sobre a cidade (TAYLOR, 2011, p. 203).

É bem verdade que a cidade de Dresden possuía, na época, um frágil sistema de emergência antiaéreo. A cidade, apesar de seus grandiosos monumentos, não tinha meios suficientes para se proteger de possíveis bombardeios. Pensando nisso, em 21 de setembro de 1944, um chefe de polícia administrou um dia de reuniões e práticas técnicas com o intuito de aperfeiçoar os serviços de emergência em caso de haver bombardeios. Embora muitos dresdenses ainda acreditassem que a cidade não seria atacada, também havia aqueles que tinham a consciência que, cedo ou tarde, Dresden seria atingida de forma direta (TAYLOR, 2011, p. 235). Outro ponto importante para mencionar seria o grande número de pessoas que a cidade estaria recebendo durante os ataques efetuados contra outras regiões da Alemanha, em que estes indivíduos buscavam refúgios em Dresden, já que esta tinha uma imagem de não agressão das forças aliadas até então. Mas também é verdade que as autoridades de Dresden não queriam estes refugiados por mais de dois dias.

[211]

Dresden vinha recebendo fugitivos das cidades devastadas do Ruhr, e de Hamburgo e Berlim, desde que a campanha de ataques do Comando de Bombardeiros começou para valer. No final de 1943, a cidade já estava de fato sobrecarregada e com dificuldades para absorver mais forasteiros. Agora, no sexto inverno da guerra, a pressão vinha do lado oposto — do leste — e os seres humanos afetados não mais eram contados aos milhares, mas aos milhões. -Dresden sempre tivera uma escassez de residências, mesmo em tempos normais, e no final de 1944 a situação chegara ao ponto de saturação. Os ataques aéreos de outubro e janeiro restringiram ainda mais a disponibilidade de acomodações. A capital saxã naturalmente agia como um ímã para refugiados, mas as autoridades locais — à parte os apelos patrióticos na imprensa

controlada pelo partido — não os queriam na realidade. No máximo, por um ou dois dias (TAYLOR, 2011, p. 274).

De acordo com a análise de Taylor, foi já no final de 1944 que o Comando de Bombardeiros começou a direcionar-se um pouco mais contra a cidade:

Aparentemente, perto do fim de 1944, o Comando de Bombardeiros começou a se interessar um pouco mais por Dresden — talvez devido à crescente percepção do quanto da indústria alemã estava sendo transferido para área “menos ameaçadas”—, embora a inteligência sobre Dresden fosse mais esparsa do que no caso da maioria das demais cidades no leste da Alemanha. Leipzig e Chemnitz, naturalmente, eram bem-conhecidas por seu envolvimento na produção em larga escala de tanques e aviões e obviamente atraíram mais atenção do que as indústrias leves e as fábricas menores, de mais “alta tecnologia”, de Dresden (TAYLOR, 2011, p. 262).

[222]

CAPÍTULO II

O DESRESPEITO ÀS NORMAS DE GUERRA

As operações com bombardeios a cidades alemãs, realizadas pela Inglaterra entre 1941-1942, foi algo justificável, porque a Alemanha estava com um grande poder militar, e a mesma deveria ser penalizada por seus atos cruéis anteriores, por suas operações de invasão a outros territórios, tornando-se uma ação legítima da guerra justa. John Rawls (2004), em sua obra *O Direito dos Povos* ressalta que:

O bombardeio da Alemanha pela Inglaterra até o final de 1941 ou 1942 podia ser justificado porque não se podia permitir que a Alemanha vencesse a guerra, e isso por duas razões básicas. Primeiro, o nazismo

preunciava um mal moral e político incalculável para a vida civilizada em todo o mundo. Segundo, a natureza e a história da democracia constitucional e o seu lugar na história europeia estavam em jogo (RAWLS, 2004,p. 129-130).

É importante lembrar, no entanto, que ações de bombardeios praticadas contra cidades alemãs, após 1943, como foi o caso de Dresden em 13 de fevereiro de 1945, não se justificariam mais apenas como uma ação punitiva à Alemanha, porque a força alemã não era mais a mesma, ou seja, as suas baterias não demonstravam mais nenhuma resistência às incursões das forças aliadas. A Alemanha, durante o final da Segunda Guerra Mundial, se encontrava completamente enfraquecida. De acordo com Frederick Taylor (2011), na noite que a cidade de Dresden foi cruelmente bombardeada, as barreiras antiaéreas alemãs, sobretudo a formação da Luftwaffe, não demonstraram nenhuma oposição contra a operação de invasão das forças aliadas, possibilitando a destruição perfeita que tanto desejava os aliados em 1945, pois os mesmos gostariam de vingar o ataque efetuado contra Londres pela a Força Aérea alemã.

A Luftwaffe não ofereceu resistência aérea (o único inimigo abatido na noite vai ser um infeliz avião alemão de correio que cruza o caminho da frota britânica, em rota entre Leipzig e Berlim). A visibilidade permanece baixa, mesmo quando os Lancasters iniciam a aproximação final ao alvo. Somente agora, enquanto seguem a curva a sudeste do rio Elba, a cobertura de nuvens começa a se dispersar. As tripulações dos bombardeiros, sempre que se abrem buracos nas nuvens, podem olhar para baixo e vislumbrar marcos, estradas, ferrovias e ocasionais luzes 5 quilômetros, ou mais, abaixo. Elas esperam, ficam alertas contra caças noturnos inimigos e voam sobre florestas e campos às escuras, sobre as geladas estrias das estradas do campo que ligam as arrumadas e sonolentas vilas do centro da Alemanha (TAYLOR, 2011, p. 29).

[233]

Com essa ação, as forças aliadas não estavam mais punindo apenas a Alemanha, mas as pessoas não-combatentes daquela nação. Segundo a visão de Michael Walzer (2003), não se justificaria a matança de uns para salvar a vida de outros. Os cálculos dos aliados diante da ameaça nazista não são suficientes para legitimar os bombardeios de destruição contra a cidade de Dresden. Já havia chegado o momento de interromper as ações de bombardeios táticos, e passar a mira contra alvos legítimos da ação militar (WALZER, 2003,p. 443-444).

Logo, a matança deliberada de homens e mulheres inocentes não pode ser justificada simplesmente por salvar a vida de outros homens e mulheres. Matar 278.966 civis (número fictício) para evitar a morte de um número desconhecido, porém provavelmente maior de civis e

soldados, é decerto um ato fantástico, próprio de uma divindade, assustador e horrendo (WALZER, 2003, p. 444-445).

Baseando-se na obra de David Irving, M. Walzer afirma que aproximadamente 100 mil pessoas morreram com as operações de bombardeios à cidade de Dresden. Após os acontecimentos, Churchill reavaliou os danos causados àquela nação:

‘Parece-me chegada a hora de reexaminar a questão de bombardear cidades alemãs para aumentar o terror, embora com outros pretextos... A destruição de Dresden persiste como um sério questionamento à conduta de bombardeios aliados’(CHURCHILL *In*: WALZER, 2011, 443-444).

2.1 A noção de guerra justa.

Para uma abordagem mais ampla, a respeito da noção de guerra justa, achamos pertinente analisar as questões 40^a(a.1 e a.3) e 64^a(a.7) da segunda seção, da segunda parte, da obra: *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino, onde há quatro perguntas ético-filosóficas a respeito de uma guerra justa: (1) “Há alguma guerra que seja lícita?”; (2) “É permitido aos clérigos guerrear?”; (3) “É permitido usar estratagemas na guerra?”; (4) “É permitido guerrear nos dias de festa?”(TOMÁS DE AQUINO, Sth. IIa-IIae, q. 40). Das quatro, a primeira e terceira são relevantes para a noção moral da guerra justa. Mas quais os critérios para julgar uma guerra como justa ou injusta?. O primeiro artigo (Se guerrear é sempre pecado) expõe três condições para a noção de guerra justa e que nos ajuda a responder a esta pergunta: (i) a autoridade do chefe da cidade representa a autoridade soberana ao bem comum de sua comunidade, sujeita a ordem e ao perigo deve-se fazer a guerra; (ii) um motivo justo, ou seja, a punição do inimigo por um ato de injustiça realizado pelo mesmo a outra comunidade; (iii) uma honesta intenção naqueles que fazem a guerra com o intuito de promover o bem e impedir o mal.

[244]

Para responder à primeira indagação (“Há alguma guerra que seja lícita?”), Tomás de Aquino argumenta que os que procuram uma guerra justa alvejam conseguir a paz e não o mal (Cf. TOMÁS DE AQUINO, STh. IIa-IIae, q 40, a.1). Já com relação ao terceiro artigo (Se é lícito usar de artificios na guerra) aborda a moralidade na batalha, avaliando os direitos de guerra e de suas convenções (pactos). Na terceira pergunta, T. de Aquino argumenta que não é permitido utilizar estratagemas para enganar ou iludir o adversário. Contudo, é permitido ao comando não revelar as suas estratégias de combate ao seu inimigo, tornando assim um conflito justo (Cf. TOMÁS DE AQUINO, STh. IIa-IIae, q. 40, a.3). A questão 64^a traz a seguinte pergunta: “É lícito matar para se defender?”. Nela

está contida uma análise da noção de duplo efeito em dois atos para quem está se defendendo: (a) a conservação da própria vida; (b) a morte do agressor. De acordo com Tomás de Aquino, matar para se defender é uma ação legítima. Porque cada pessoa procura preservar a sua própria existência. Mas essa ação só é legítima, quando o indivíduo no ato da matança, não empregar uma força maior do que a necessária.

Um ato, porém, embora proceda de uma boa intenção, pode tornar-se ilícito se não for proporcionado ao fim. Assim, agirá ilicitamente quem, para defender a própria vida, empregar uma violência maior do que necessário. Mas, se repelir a violência moderadamente, a defesa será lícita; pois, segundo o direito, ‘repelir a força pela força é lícito, com a moderação de uma legítima defesa’. (TOMÁS DE AQUINO, STh. IIa-IIae. q. 64 a.7).

2.2 O princípio do “duplo efeito”.

Na obra *Guerras Justas e Injustas* (2003), Michael Walzer irá debater sobre duas questões básicas que devem ser compreendidas sobre a guerra: (a) *jus ad bellum* (justiça da guerra) e *jus in bello* (justiça na guerra). A primeira traz consigo a ideia do direito à guerra, a segunda traz a ideia de como deverá ser conduzida a guerra. No caso dos ataques a Dresden, em 1945, a que mais nos interessa é a *jus in bello*, ou seja, maneira como foram conduzidas as incursões de bombardeios na noite 13 de fevereiro de 1945. São duas formas de julgamento sobre se uma guerra foi justa ou injusta. Podemos observar também que, nos ataques contra a cidade de Dresden, foi quebrada uma importante regra moral, o chamado “duplo efeito”. O duplo efeito foi desenvolvido na Idade Média pelos casuístas católicos, sobretudo por Tomás de Aquino, sendo apresentado como um raciocínio complexo da noção da vida moral durante a guerra. Podemos compreender a noção de duplo efeito, a partir da obra de M. Walzer (2003), fazendo-se uma comparação desta noção presente também em Tomás de Aquino, na *Suma de Teologia*, encontrada sobretudo nas questões 40 (a. 1 e a. 3) e 64 (a. 7), nas quais este disserta sobre a legítima defesa e a guerra justa. Tomás de Aquino (2004-2005) traz em sua argumentação uma visão moral sobre a justiça da guerra e na guerra, proveniente de uma visão aristotélica, com a preservação de alguns elementos fundamentais do raciocínio neoplatônico. No que se refere à obra de M. Walzer (2003), podemos observar uma ampliação temática da ideia de duplo efeito e de guerra justa, levando em conta a realidade das sociedades democráticas contemporâneas.

O duplo efeito é um meio para conciliar a proibição absoluta sobre o ataque contra civis, ou seja, ações do tipo que ocorreram na noite de 13 de fevereiro de 1945, em Dresden. Mas estes não-combatentes muitas vezes se fazem presentes na área em que estão ocorrendo os conflitos. Por esse motivo, é necessário que os combatentes tomem precauções necessárias, para que o número de civis mortos seja reduzido ao máximo, tornando-se assim, guerra mais justa, com propósito de chegar-se apenas a fins militares. Segundo Michael Walzer (2003), existe outras maneiras de conduzir uma batalha, sem haver a necessidade de pôr em perigo a vida de civis. Tirar a vida de não-combatentes que estão em um determinado conflito não deveria ser a intenção, mas, em muitos casos, os combatentes responsáveis pelas ações militares assumem esse tipo de risco. Até porque, eles devem se preocupar também com a vida de seus soldados, justificando o argumento da ação legítima. Partindo desta mesma suposição, estão as ideias de Tomás de Aquino, em relação ao princípio do duplo efeito e da guerra justa, algo que não houve no planejamento dos ataques à cidade de Dresden em 1945.

Para M. Walzer (2003), os não-combatentes jamais poderão tornar-se alvos legítimos das ações militares, mesmo que na maioria das vezes se façam presentes no meio de uma guerra (WALZER, 2003, p.258). Portanto, é responsabilidade dos líderes tomarem as devidas medidas para que não haja grandes índices de morte de civis.

É pertinente destacar que, nos ataques efetivados contra a cidade de Dresden, foram quebradas duas regras básicas dos direitos humanos: (a) direito à vida e (b) o direito à liberdade. A primeira diz respeito às ideias de Tomás de Aquino (2004-2005), por ser um direito natural que cada pessoa possui (visão medieval). A segunda está contida nas ideias de Michael Walzer (2003), em sua visão política sobre os direitos humanos (visão moderna).

[266]

Não se trata de um argumento fácil de fazer, e entretanto devemos resistir a todo esforço para torná-lo mais fácil. Muitas pessoas indubitavelmente encontraram algum consolo no fato de serem alemãs as cidades sob bombardeio; e nazistas, algumas das vítimas. Elas de fato aplicaram a escala móvel e negaram ou reduziram os direitos dos civis alemães para negar ou reduzir o horror de sua morte (WALZER, 2003, p. 441).

Dresden era uma cidade, como vimos, com grande importância no *front* alemão, assim como outras cidades alemãs, mas basicamente sem proteção aérea, como informa Taylor:

Dresden frequentemente é descrita como “indefesa”, o que em grande parte era verdade em fevereiro de 1945, mas as forças aéreas aliadas não tinham como saber isso ao planejar o ataque à cidade. De fato, tampouco podiam ter certeza de que a Luftwaffe não iria enviar caças para perseguir os bombardeiros de dia ou de noite. -Também se afirma que a retirada das barreiras antiaéreas indicava o baixo status de Dresden como centro militar ou industrial. Não necessariamente. Ninguém negaria o status industrial de Chemnitz, a sudoeste de Dresden, uma localidade de tamanho apenas um pouco maior do que metade da capital saxã, mas conhecida como centro industrial, especialmente para a produção de tanques. O Terceiro Reich, desprovido de mão de obra e soldados, foi tomado pelo desespero. Cidades que deveriam continuar sendo defendidas não o foram. Dresden e Chemnitz acabaram entre estas (TAYLOR, 2011, p. 247-248).

Na noite de 13 de fevereiro de 1945 morreram milhares de pessoas, entre as vítimas, crianças, mulheres, idosos e até mesmo pessoas enfermas, que se encontravam nos hospitais, muitos sem a possibilidade de se defenderem dos bombardeios. Podemos observar também que a decisão de bombardear a cidade de Dresden foi uma ação consciente dos líderes aliados. Dresden tornou-se um caso particular da decisão de bombardeio, apenas com o intuito de revidar o ataque a Londres, e tudo que o nazismo representava. As forças aliadas não fizeram nenhuma distinção de alvo em que deveriam atacar. Neste sentido não foram destruídos apenas as fábricas e aeródromos, mas também hospitais e casas, que abrigavam inúmeros não-combatentes.

Assim, os oficiais da reunião na tarde de 13 de fevereiro não entraram em grandes detalhes. O que não disseram era que os aviões sendo despachados para Dresden na noite de 13-14 de fevereiro tinham a tarefa de simplesmente destruir tudo o que conseguissem do centro vital da cidade. Isso não significava que Dresden não fosse um importante centro industrial e militar e, portanto, um alvo “legítimo”. Mas esse ataque dizia respeito a criar uma extraordinária interrupção, que chegasse o mais perto possível de um absoluto estado de caos (TAYLOR, 2011, p. 263).

[277]

De acordo com a análise de Taylor (2011), naquela noite sombria que os aliados atacaram a população dresdense, criou-se um ambiente totalmente mortífero. As pessoas que não morressem diretamente pelas bombas, morreriam pelo ar atmosférico criado.

Na maior parte dos casos, não foi o fogo nem o impacto que os matou. Pelo menos não diretamente. Foi o ar. Ou a sua falta. Sem o fornecimento de ar filtrado e com poucas saídas de emergência — de qualquer modo, a maioria encontrava-se bloqueada por corpos humanos e pertences pessoais —, enquanto a tempestade de fogo sugava o oxigênio do ambiente no complexo subterrâneo superlotado, muitas

centenas simplesmente morreram asfixiadas. Uns poucos conseguiram escapar do labirinto e cambalear até a superfície, mas não muitos (TAYLOR, 2011, p. 337-338).

Segundo Taylor com relação ao bombardeio: “Ao todo, 881,1 toneladas de bombas caíram nos bairros centrais de Dresden entre 22h13 e 22h18. Em termos de peso, cerca de 57% eram de alto explosivo e 43% de incendiárias” (TAYLOR, 2011, p. 307).

As forças aliadas não tiveram preocupação de poupar a vida de civis em 13 de fevereiro de 1945, quando bombardearam a cidade Dresden. Na noite da destruição de Dresden, milhares de homens, mulheres, crianças, idosos e enfermos morreram sem a menor chance de se defenderem contra os ataques aliados. Na época, o comando de bombardeiros declarava que a forma mais rápida e de baixo custo para destruir o nazismo seria por meio da operação de terror. No entanto, segundo Michael Walzer (2003), esses cálculos de destruir cidades alemãs, não são suficientes para legitimar tais ações, principalmente as que foram conduzidas contra a cidade de Dresden em 1945. De acordo com a visão de Walzer, a matança indiscriminada de uns não poderia justificar o salvamento de vidas de outros, sejam eles inimigos ou não. Isto se tornaria assassinato.

2.3 O argumento moral da “extrema emergência”.

As operações de bombardeio à cidade alemãs na Segunda Guerra Mundial foram fruto de uma campanha terrorista, organizada por líderes aliados. De acordo M. Walzer (2003) houve poucas decisões mais importantes do que essa na história dos grandes conflitos. Os números foram baixos, em comparação aos resultados do genocídio nazista no século XX.

[288]

Mas os líderes da Grã-Bretanha, não deveriam ter imitado os efeitos do nazismo, mesmo em grau moderado. A diferença, entre ação de terror realizada pelos líderes da Grã-Bretanha e, o genocídio causado pelo nazismo, está no fato, que a campanha britânica tornou-se crucial para o ataque a outras cidades com bombas incendiárias, como foi o caso de Tóquio e, mais adiante, o caso de Nagasaki e Hiroxima com a bomba atômica, matando inúmeras pessoas³.

Segundo Walzer (2003), no final de 1940, foi tomada a decisão de bombardear as cidades alemãs. Mas, em junho daquele mesmo ano foi editado uma diretiva que proibia qualquer ataque indiscriminado. Contudo, depois do ataque alemão sobre a cidade de

³Veja, WALZER, Michael. **Guerras Justas e Injustas**. Martins Fontes, Tradução de Waldéa Barcellos, p. 433.

Coventry, em novembro, a ordem de não mira sobre as cidades alemãs de forma indiscriminadas não era mais regra da conduta militar da época. Em 1942, estava claro que as operações de bombardeio, deveriam destruir o moral dos civis alemães. No entanto, os ataques britânicos, desde o começo seguiram na linha de argumentação, que as operações de bombardeio, funcionariam apenas com represália aos ataques alemães.

De acordo com M. Walzer (2003), o argumento de represália era falho, ou seja, não justificável (WALZER, 2003, p. 436).

... a decisão de bombardear cidades foi tomada numa época em que não se conseguiria visualizar a vitória e em que o espectro da derrota estava sempre presente. E foi tomada quando nenhuma outra decisão parecia possível caso se quisesse que houvesse algum tipo de ofensiva militar contra a Alemanha nazista (WALZER, 2003, p. 438).

Nas ideias de Walzer (2003), o comando de bombardeio seria a única maneira dos líderes aliados vencerem a guerra contra a Alemanha na II Guerra Mundial. M. Walzer ressalta (2003).

Parece-me, porém, que quanto mais certa uma vitória alemã aparentasse estar, na ausência de uma ofensiva de bombardeios, mais justificável seria a decisão de lançar a ofensiva. Não apenas porque naquela época ela parecia iminente. Não apenas por parecer iminente, como também por ser tão assustadora. Eis uma extrema emergência, diante da qual seria possível exigir que se desrespeitassem os direitos de pessoas inocentes e se despedaçassem as convenções de guerra (WALZER, 2003, p. 440).

[299]

Segundo Michael Walzer (2003), o terrorismo estabelecido pelos aliados acidades alemãs, apenas reestabelecia, o mesmo mal causado pela ação nazista. O terrorismo, absorve os não-combatentes, ou seja, pessoas comuns, ao comando, como se governo e o povo fossem únicos, com os mesmos ideias. Portanto, a ideia de extrema emergência, teria passado muitos antes dos bombardeios aliados chegassem ao seu nível culminante. No entanto, os números de não-combatentes alemães mortos pela ação de terror aliada, foram sem pretexto moral, ou da legítima ação militar (WALZER, 2003, p. 442-443).

De acordo com Walzer (2003), os argumentos utilizados entre 1942 e 1945, possuíam princípio utilitarista, visando não à vitória, mas o tempo de combate e no custo da vitória. Harris, entre outros, alegavam que os ataques com bombardeio a cidades alemães seriam de fato, necessários para se chegar à vitória e o fim da guerra. Michael Walzer afirma: “ainda assim ela não é suficiente para justificar os bombardeios. Não é

suficiente, creio eu, mesmo que não façamos mais nada além de cálculos utilitaristas” (WALZER, 2003, 444).

Michael Walzer (2003) ressalta que: “a destruição de inocentes, qualquer que seja seu objetivo, é uma espécie de blasfêmia contra nossos compromissos morais mais profundos, (Isso vale mesmo numa extrema emergência, quando não podemos fazer mais nada)” (WALZER, 2003, p. 446).

De acordo com as ideias de M. Walzer (2003), todo e, qualquer conflito, é uma emergência. Com relação ao argumento da “extrema emergência” utilizada nas descrições de Winston Churchill em 1939, ressalta que, a “descrição de Churchill da difícil situação da Grã-Bretanha em 1939 como uma ‘extrema emergência’ foi um exemplo de exagero retórico destinado a superar a resistência”. A expressão significa um assunto de juízo comum e, a mesma, possui um argumento de existe um medo elevado ao medo natural, a respeito da guerra. É necessário examinar de maneira cuidadosa ao argumento da ‘extrema emergência’. Logo, ela se define por dois juízos crítico: (a) a ameaça do perigo; (b) ao seu caráter natural. Os dois devem ser utilizados. Um não consegue suprir a falta do outro, em uma situação de extrema necessidade que possa se estabelecer. Grave mais não adjunta, adjunta mais não grave, na verdade, os dois não se tornam em uma extrema emergência. No entanto, as pessoas em um conflito, dificilmente concordam com a sua ameaça (WALZER, 2003, p. 425-426).

[30]

... o nazismo constituía uma ameaça suprema a tudo o que é decente na vida, uma ideologia e prática de dominação tão assassina, tão degradante mesmo para os que sobrevivessem, que as conseqüências (*sic*) de sua vitória estavam literalmente fora do alcance de nossa capacidade de cálculo, incomensuravelmente horrendas. Nós o consideramos... como o mal encarnado no mundo, e de uma forma tão poderosa e aparente que jamais poderia haver outra coisa a fazer a não ser lutar contra ele (WALZER, 2003, p. 429).

Na passagem das ideias de M. Walzer acima foi possível compreender o verdadeiro mal que o nazismo representava na II Guerra Mundial para as demais nações. Mas, também é importante ressaltar que as operações de represálias ao poder nazista eram justificáveis até 1942. Já em 1945, no caso dos ataques à cidade de Dresden, não se justificaria.

Conclusão

Neste trabalho, procuramos analisar a ação da “extrema emergência”, segundo a alegação dos líderes britânicos, em particular a de Churchill. Esta análise esteve pautada

na obra de Michael Walzer (2003), sobre as questões envolvidas nas tomadas de decisões de bombardeamento ocorridas no período da II Guerra Mundial sobre o ataque a cidades alemãs, mais especificamente no caso de Dresden. A decisão dos aliados de contra-atacar cidades alemãs surgiu após o ataque a Londres, pois os planos de Hitler seriam que a Inglaterra se renderia facilmente com a realização desta ofensiva. O panorama da época chegou a um ponto máximo de destruição e atrocidades contra não-combatentes.

Os líderes britânicos tinham em mente apenas a ideia da extrema emergência de destruir o império nazista e, para isto, a única maneira seria destruir a qualquer custo as cidades alemãs. Para nossa análise, consideramos a doutrina do duplo efeito trabalhada também na obra de Walzer sobre a moral na guerra. O duplo efeito foi uma doutrina criada por casuísticas católicas da Idade Média e, sobretudo, por Tomás de Aquino. Essa doutrina filosófica tem o papel de proibir a ação militar contra civis, ou seja, um soldado em operação militar não poderia direcionar suas armas contra não-combatentes. Assim, Um ataque indiscriminado, como foi o caso de Dresden, não se justificaria, quebrando a devida conduta de guerra.

[31]

Referências bibliográficas

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica** V. Loyola São Paulo, 2004.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica** VI. Loyola São Paulo, 2005.

ARISTÓTELES. **Política**. Brasília, UnB, 1997.

BISHOP, Edward. **A batalha da Inglaterra: tanto... a tão poucos!**. Tradução de Edmond Jorge, Ed. Renes, Rio de Janeiro, 1975.

Cronologia da Segunda Guerra Mundial. Disponível em:

<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007306>. Acessado em (25 de maio de 2015).

FORD, Brian. **Armas secretas aliadas: a guerra da ciência**. Editora Renes, Rio de Janeiro, 1974.

LEWIN, Ronald. **Churchill: o lorde da guerra**. Tradução de Cel Álvaro Galvão, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1979.

- LUKACS, John. **O duelo**: Churchill x Hitler: 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial. Tradução: Claudia Martinelli Gama, Ed. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.
- KENNEDY, Paul. **Engenheiros da Vitória**: os responsáveis pela reviravolta na Segunda Guerra Mundial. Tradução de Jairo Arco e Flexa, Companhia das Letras, São Paulo, 2014.
- MACINTYRE, Alasdair. **Depois da Virtude**, USC, Bauru, 2001.
- MACINTYRE, Alasdair. **Justiça de Quem? Qual Racionalidade?**. Loyola, São Paulo, 1991.
- MASON, David. **Churchill**, Tradução de Edmond Jorge: Ed. Renes, Rio de Janeiro, 1973.
- MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial**: história e estratégias. Tradução de Ângela M. S. Corrêa, Contexto, São Paulo, 2014.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. Atlas, São Paulo, 2011.
- RAWLS, John. **O Direito dos Povos**. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- REZEK, Francisco. **Direito Internacional Público**: curso elementar. Saraiva, São Paulo 2013.
- VICENTE, João. **O direito à guerra justa**. Disponível em: http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=72, Acessado em (30 de jan. de 2014).
- TAYLOR, Frederick. **Dresden**: terça-feira, 13 de fevereiro de 1945. Tradução de Vítor Paolozzi, Ed. Record, Rio de Janeiro, 2011.
- WALZER, Michael. **As Esferas da Justiça**: Uma defesa do pluralismo e da igualdade. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2003.
- WALZER, Michael. **Da Tolerância**. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- WALZER, Michael. **Guerras Justas e Injustas**: uma argumentação moral com exemplos históricos. Martins Fontes, São Paulo, 2003.
- WALZER, Michael. **Política e Paixão**: rumo a um liberalismo mais igualitário. Martins Fontes, São Paulo, 2008.

Anexo

Cronologia sobre os principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.

- ✓ **Em 18 de setembro de 1931:** O Japão invade a Manchúria.
- ✓ **Em 2 de outubro de 1935 a maio de 1936:** A Itália invade, conquista e anexa a Etiópia.
- ✓ **Em 25 de outubro a 1º de novembro de 1936:** A Alemanha e a Itália assinam um tratado de cooperação, e o Eixo Roma-Berlim é anunciado.
- ✓ **Em 25 de novembro de 1936:** A Alemanha e o Japão imperial assinam o Pacto Anti-*Comintern*, direcionado contra a União Soviética e o movimento comunista internacional.

- ✓ **Em 7 de julho de 1937:** O Japão invade a China, dando início à Segunda Guerra Mundial no Pacífico.
- ✓ **Em 11 a 13 de março de 1938:** A Alemanha incorpora a Áustria.
- ✓ **Em 29 de setembro de 1938:** A Grã-Bretanha, França e a Alemanha assinam o acordo de Munique.
- ✓ **Em 14 a 15 de março de 1939:** Sob pressão alemã, os eslovacos declaram sua independência e formam a República da Eslováquia. Os alemães ocupam as províncias remanescentes da Tchecoslováquia, em violação ao acordo de Munique.
- ✓ **Em 31 de março de 1939:** A Grã-Bretanha e a França asseguram a integridade das fronteiras do estado polonês.
- ✓ **Em 7 a 15 de abril de 1939:** A Itália invade e anexa à Albânia.
- ✓ **Em 23 de agosto de 1939:** A União Soviética e a Alemanha assinam um pacto de não agressão.
- ✓ **Em 1º de setembro de 1939:** A Alemanha invade a Polônia fazendo eclodir a Segunda Guerra Mundial.
- ✓ **Em 3 de setembro de 1939:** A Grã-Bretanha e França fazem a declaração de guerra contra a Alemanha caso a segurança polonesa fosse ameaçada.
- ✓ **Em 17 de setembro de 1939:** A União Soviética invade o leste da Polônia.
- ✓ **Em 27 a 29 de setembro de 1939:** Varsóvia, capital da Polônia, se rende. Membros do governo polonês fogem para o exílio através da Romênia. A União Soviética e a Alemanha repartem a Polônia entre si.
- ✓ **Em 30 de novembro de 1939 a 12 de março de 1940:** A União Soviética invade a Finlândia, iniciando a chamada Guerra de Inverno. Os finlandeses requerem um armistício e são obrigados a ceder para a União Soviética a margem norte do lago Lagoda e a pequena linha costeira finlandesa no mar Ártico.
- ✓ **Em 9 de abril de 1940 a 9 de junho de 1940:** A Alemanha invade a Dinamarca e a Noruega. A Dinamarca se rende no dia do ataque; a Noruega resiste até 9 de junho.
- ✓ **Em 10 de maio de 1940 a 22 de junho de 1940:** A Alemanha ataca a Europa Ocidental – França e os Países Baixos neutros. Luxemburgo é ocupado no dia 10 de maio; a Holanda se rende em 14 de maio, e a Bélgica em 28 do mesmo mês. Em 22 de junho, a França assina um acordo de trégua pelo qual os

alemães ocupam a parte norte do país e toda a linha costeira do Atlântico; e no sul da França é estabelecido um regime colaborador dos nazistas com capital em Vichy.

- ✓ **Em 10 de junho de 1940:** A Itália entra na guerra, e invade o sul da França.
- ✓ **Em 28 de junho de 1940:** A União Soviética força a Romênia a ceder a província oriental da Bessarábia e metade da região norte da Bucovina para a Ucrânia Soviética.
- ✓ **Em 14 de junho de 1940 a 6 de agosto de 1940:** A União Soviética ocupa os países bálticos entre 14 e 18 de junho, articulando golpes de estado comunistas em cada um deles entre 14 e 15 de julho, para em seguida anexá-los como Repúblicas Soviéticas.
- ✓ **Em 10 de julho de 1940 a 31 de outubro de 1940:** A guerra aérea conhecida como a Batalha da Grã-Bretanha termina em derrota para a Alemanha.
- ✓ **Em 30 de agosto de 1940:** Segunda Decisão de Viena: A Alemanha e a Itália arbitram a divisão da disputada província da Transilvânia entre a Romênia e a Hungria. A perda do norte da Transilvânia força o rei Carlos da Romênia a abdicar em favor de seu filho, Miguel, e traz ao poder uma ditadura sob comando do general IonAntonescu.
- ✓ **Em 13 de setembro de 1940:** Os italianos invadem o Egito, parte do então Mandato Britânico, através da Líbia sob domínio italiano.
- ✓ **Em 27 de setembro de 1940:** A Alemanha, a Itália e o Japão assinam o Pacto Tripartite.
- ✓ **Em Outubro de 1940:** A Itália invade a Grécia cruzando a Albânia em 28 de outubro.
- ✓ **Em Novembro de 1940:** A Eslováquia (23 de novembro), a Hungria (20 de novembro) e a Romênia (22 de novembro) unem-se ao Eixo.
- ✓ **Em Fevereiro de 1941:** Os alemães enviam o *AfrikaKorps*, destacamento do exército alemão, para reforçar as tropas italianas enfraquecidas.
- ✓ **Em 1 de março de 1941:** A Bulgária une-se ao Eixo.
- ✓ **Em 6 de abril a junho de 1941:** A Alemanha, a Itália, a Hungria e a Bulgária invadem e dividem a Iugoslávia. A Iugoslávia se rende em 17 de abril. A Alemanha e a Bulgária invadem a Grécia em apoio aos italianos.
- ✓ **Em 10 de abril de 1941:** Os líderes do movimento terrorista *Ustasa* proclamam o chamado Estado Independente da Croácia.

Reconhecido de imediato pela Alemanha e Itália, o novo estado inclui a província da Bósnia-Herzegovina. A Croácia junta-se às forças do Eixo formalmente em 15 de junho de 1941.

- ✓ **Em 6 de dezembro de 1941:** Uma contra ofensiva soviética leva os alemães estacionados nos subúrbios de Moscou a uma retirada caótica.
- ✓ **Em 7 de dezembro de 1941:** O Japão bombardeia a base naval norte-americana de Pearl Harbor.
- ✓ **Em 8º de dezembro de 1941:** Os Estados Unidos declaram guerra ao Japão.
- ✓ **11 a 13 de dezembro de 1941:** A Alemanha e seus parceiros do Eixo declaram guerra aos Estados Unidos.
- ✓ **Em abril de 1942:** Filipinas, Indochina e Cingapura caem sob domínio japonês.
- ✓ **Em 30 de maio de 1942 a maio de 1945:** Os britânicos bombardeiam a cidade de Köln, ou Colônia, trazendo a guerra para dentro do território alemão pela primeira vez. Durante os três anos seguintes bombardeios anglo-americanos reduzem cidades alemãs a escombros.
- ✓ **Em 23 a 24 de outubro de 1942:** As tropas britânicas derrotam alemães e italianos em El Alamein, no Egito, fazendo com que as forças militares do Eixo se retirassem de forma caótica através da Líbia até a fronteira leste da Tunísia.
- ✓ **Em 10 de julho de 1943:** Tropas norte-americanas e britânicas desembarcam na Sicília, Itália. Em meados de agosto os Aliados passam a controlar aquela ilha.
- ✓ **Em 5 de julho de 1943:** Os alemães iniciam uma forte ofensiva com tanques perto de Kursk, na União Soviética. Os soviéticos enfraquecem aquele ataque em uma semana e começam uma ofensiva contra os alemães.
- ✓ **Em 19 de março de 1944:** Temendo a intenção da Hungria de abandonar sua parceria no Eixo, os alemães ocupam aquele país e, forçam seu dirigente, almirante Miklos Horthy, a nomear um ministro presidente pró-alemão.
- ✓ **Em 25 de julho de 1944:** As forças anglo-americanas saem da Normandia seguindo rumo ao leste, em direção a Paris.
- ✓ **Em 20 a 25 de agosto de 1944:** As tropas Aliadas chegam a Paris e, no dia 25 de agosto, as Forças Francesas Livres, com o apoio dos Aliados, entram na capital francesa. Em setembro, os Aliados chegam até a fronteira alemã; em

dezembro, quase toda a França, a maior parte da Bélgica, e a parte sul dos Países Baixos são libertadas.

- ✓ **Em outubro de 1944:** As tropas norte-americanas desembarcam nas Filipinas.
- ✓ **Em 16 de dezembro de 1944:** Os alemães iniciam a ofensiva final no oeste, conhecida como a Batalha do Bulge, em uma tentativa de reconquistar a Bélgica e dividir as forças Aliadas ao longo de toda a fronteira alemã.
- ✓ **Em 1º de janeiro de 1945:** Os alemães batem em retirada.
- ✓ **Em 13 de fevereiro de 1945:** *Forças aliadas bombardeiam a cidade de Dresden.*
- ✓ **Em 16 de abril de 1945:** Os soviéticos iniciam sua ofensiva final e cercam Berlim.
- ✓ **Em 30 de abril de 1945:** Hitler suicida-se.
- ✓ **Em 7 de maio de 1945:** A Alemanha se rende aos Aliados.
- ✓ **Em 9 de maio de 1945:** A Alemanha se rende aos soviéticos.
- ✓ **6 de agosto de 1945:** Os Estados Unidos lançam uma bomba atômica sobre a cidade de Hiroshima, no Japão.
- ✓ **Em 8 de agosto de 1945:** A União Soviética declara guerra contra o Japão e invade a Manchúria, província chinesa tomada pelo Japão em 1931.
- ✓ **9 de agosto de 1945:** Os Estados Unidos lançam uma bomba atômica sobre a cidade de Nagasaki, no Japão.
- ✓ **Em 2 de setembro de 1945:** Depois de concordar, em princípio, com uma rendição incondicional no dia 14 de agosto de 1945, em 2 de setembro o Japão se rende oficialmente, pondo fim à Segunda Guerra Mundial.